

Fotos: Victor Magalhães

Galeria ao ar livre



As esferas metálicas de Darlan Rosa, próximas ao Memorial JK: a tecnologia digital a serviço do lúdico e da cor

Paradas de ônibus, tapumes, outdoors e outros espaços públicos dão forma a um museu de arte vivo, moderno e colorido

Márcia Vitória

Quando pensaram no projeto arquitetônico e urbanístico de Brasília, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer fizeram questão de trazer para a cidade nomes expressivos do paisagismo e das artes plásticas do país. Burtel Marx assinou os jardins, enquanto as obras de Mariane Peret, Bruno George, Alfredo Ceschiatti e Athos Bulcão valorizaram os espaços urbanos e as principais construções da capital. A cidade, assim, selava sua vocação para abrigar grandes nomes das artes. Apesar da pouca idade, Brasília também já recebeu, em exposições antológicas, o cubismo de Picasso, o humor surreal de Miró e as gravuras de Rembrandt.

Mas não se pode esquecer a contribuição dos artistas locais. Talentos que cresceram junto com a cidade e tornaram o projeto urbanístico mais belo e a paisagem, mais humana. Um desses artistas é Omar Franco, que hoje tem 15 obras espalhadas pelo Plano Piloto. Nascido em Santa Rita de Caldas (MG), ele chegou em Brasília em 1969, quando tinha 11 anos. Presidente da Sociedade dos Artistas Plásticos de Brasília há três anos, é um dos responsáveis pela multiplicação das obras de arte nos espaços públicos da capital federal.

A Lei 2.691, promulgada em 21 de fevereiro de 2001, que obriga todos os prédios da cidade a terem uma obra de arte, nasceu de uma sugestão de Omar. Ele se inspirou em iniciativa semelhante adotada no Recife. "A lei abriu um novo mercado para os artistas locais, valorizou as construções e tornou pública a obra de arte", avalia. Para cumprir a lei, pode ser escolhida qualquer obra dos artistas cadastrados pela Secretaria de Cultura do DF. O cadastro está aberto a quem tenha participado de pelo menos duas mostras individuais e três coletivas.

AS ARTES DE BRASÍLIA

Enquanto Athos Bulcão, Peret e Burtel Marx traçaram o destino artístico da cidade nova e garantiram a beleza das primeiras décadas, Toninho de Souza, Anselmo Rodrigues, Dalmácio Longuinho, Galeno, Fau Martins, Zelo Visconti e Darlan Rosa integraram a geração de artistas que levou a arte para as ruas da capital.

Paradas de ônibus, tapumes, outdoors, enfim, qualquer superfície passou a ser usada como suporte. Na década de 80, Toninho de Souza e outros oito artistas pintaram as 58 paradas de ônibus de Sobradinho. Os empresários doaram a tinta e os profissionais trabalharam de graça. Os moradores gostaram tanto que ligavam para os artistas pedindo mais arte nas ruas. "Na época, existiam poucas galerias na cidade, e alguns marchands não acreditavam nos talentos locais. Nenhum deles colocava nossas obras à venda", lembra Toninho.

Não poderia haver, no entanto, galeria com maior visibilidade que os espaços públicos. A pedra grande, esquecida na Rua Sete, de Sobradinho, virou obra de arte nas mãos de Toninho, em 1988. "Transformei a pedra numa melancia, no



aniversário de Sobradinho", conta. A obra virou monumento da cidade, ilustra o livro do Museu da Memória Candanga e serviu de inspiração para os cartões postais lançados pela Novacap anos atrás. As intervenções nas paradas de ônibus de Sobradinho fizeram tanto sucesso que foram exportadas para o Núcleo Bandeirante, Cruzeiro, Lago Norte e Esplanada dos Ministérios.

Até caixas de energia de CEB, encontradas em quadras do Plano Piloto, foram pintadas pelos artistas de Brasília. O trabalho ficou a cargo do grupo conhecido como "Os Coloristas", do qual fizeram parte Omar Franco, Luiz Costa, Anselmo Rodrigues e outros.

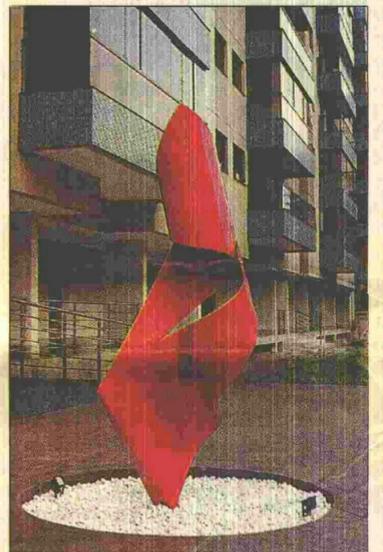
ESTÉTICA DIGITAL

Outro nome que tem contribuído muito para mudar a cara da cidade é Darlan Rosa. Usando uma linguagem lúdica e intuitiva, ele começou a "fazer arte" no segundo ano primário, em Coromandel (MG). Suas esculturas recentes, feitas em aço inox, foram inspiradas na bola

de futebol, signo recorrente do imaginário brasileiro. Dispostas em vários pontos da cidade (em frente ao Memorial JK, na entrada do Lago Sul e no Sudoeste), as esferas de Darlan são exemplos do que se convencionou chamar de estética digital.

Trata-se de um novo jeito de fazer arte, no qual pincéis e tintas, matéria-prima do artista convencional, são substituídos pela placa de aço. As imagens são construídas virtualmente, na tela do computador, com auxílio de cálculos estruturais precisos. A tela de pano é deixada de lado. As imagens são enviadas para o computador da metalúrgica, onde as placas são cortadas, dobradas, lixadas e furadas. Além de totalmente informatizada, essa nova forma de fazer esculturas é também um processo coletivo. O sistema de produção em nada lembra o fazer artístico individual e solitário. É a tecnologia criando novas possibilidades de expressão para a criatividade ilimitada dos artistas.

Recentemente, um grupo de dez artis-



À esquerda, os famosos azulejos de Athos Bulcão que adornam a simpática "Igrejinha" da 307/B Sul. Acima, escultura de Omar Franco na 212 Sul. Abaixo, os rastros dos "Loucos de Pedra" em sua saudável guerrilha pela paz



tas liderados por Henrique Gougon mudou a paisagem da W-3 com obras feitas em mosaicos. O grupo, denominado "Loucos de Pedra", costuma usar fragmentos de mármore e granito como matéria-prima para seus trabalhos. Jornalista de profissão, Gougon dedica-se hoje totalmente à arte, em seu ateliê na 702 Sul. "Vejo a intervenção artística nos espaços urbanos como uma tentativa individual de humanizar a cidade", explica.

Durante a guerra dos EUA contra o Iraque, Gougon encontrou na arte o veículo ideal para expressar seu desejo de paz. Convocou dez artistas e, juntos, transformaram estruturas de ferro abandonadas em mosaicos pela paz. "Cada artista teve liberdade total para criar sua obra e expressar seu sentimento pela paz", conta. Em fevereiro, quando Ary Pararrais, o grande artista das ruas, foi derrotado pelo câncer, Gougon não conseguiu ficar calado. Usou novamente a arte para prestar sua homenagem. Recuperou o piso cheio de buracos da 508 Sul com sua obra de arte. Brasília agradece.